ISSN 2175-1838
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

Artigo científico

https://doi.org/10.7213/2175-1838.18.e2634802

REVISTA Pistis & Praxis TEOLOGIA E PASTORAL

pistispraxis/index

PUCPRESS

O sítio arqueológico de Éfeso e os primórdios do cristianismo: de Ártemis a Maria

The archaeological site of Ephesus and the beginnings of Christianism: from Artemis to Mary

José Ademar Kaefer [a]
Curitiba, PR, Brasil
[a] Pontíficia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Como citar: KAEFER, José Ademar. O sítio arqueológico de Éfeso e os primórdios do cristianismo: de Ártemis a Maria. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 18, e2634802, 2026. DOI: http://doi.org/10.7213/2175-1838.18.e2634802

Resumo

O livro de Atos dos Apóstolos, o livro do Apocalipse e algumas cartas paulinas testemunham a importância que Éfeso teve para os primórdios do cristianismo. Sendo uma das cidades comerciais mais expressivas do império romano, período em que atingiu o ápice do seu desenvolvimento, com cerca de 250 mil habitantes, Éfeso foi também referência para a religião greco-romano. A grande Ártemis, com sua estátua caída do céu (At 19,35) e com seu templo, uma das sete maravilhas do mundo antigo, faziam de Éfeso um centro de peregrinação para toda Ásia Menor. O culto à Grande mãe, como era chamada Ártemis, terá influenciado os primórdios do cristianismo de tal modo que levou a Igreja a designar Éfeso como local do terceiro concílio ecumênico, quando

[a] Doutor em Sagradas Escrituras pela Katholisch-Theologische Fakultät der Westfälischen Wilhelms-Universität Münster (Alemanha). Professor titular do PPGT-PUCPR. Coordenador do grupo de pesquisa AAOP (Arqueologia do Antigo Oriente Próximo). E-mail: josé.kaefer@pucpr.br

foi proclamado o dogma de Maria como Mãe de Deus (*Theotokos*). A pesquisa se orientará basicamente na análise bibliográfica e no estudo *in sito* do sítio arqueológico de Éfeso.

Palavras-chave: Éfeso. Sítio arqueológico. Ártemis. Cristianismo. *Theotokos*.

Abstract

The Book of Acts of the Apostles, the Book of Revelation, and some Pauline letters testify to the importance that Ephesus had for the beginnings of Christianism. Being one of the most significant commercial cities of the Roman Empire, a period during which it reached the peak of its development, with about 250,000 inhabitants, Ephesus was also a reference for Greco-Roman religion. Great Artemis, with her statue fallen from the sky (Acts 19:35) and with her temple, one of the seven wonders of the ancient world, made Ephesus a pilgrimage center for all of Asia Minor. The cult of the Great Mother, as Artemis was called, is thought to have influenced the beginnings of Christianity in such a way that it led the Church to designate Ephesus as the location of the Third Ecumenical Council, when the dogma of Mary as Mother of God (Theotokos) was proclaimed. The research will be basically guided by bibliographic analysis and in situ study of the archaeological site of Ephesus.

Keywords: *Ephesus. Archaeological site. Artemis. Christianity. Theotokos.*

Introdução

Devido à sua localização estratégica junto ao mar Egeu - conectando a via Sebastia, as rotas da seda e das especiarias às rotas marítimas do Ocidente -, Éfeso também desempenhou um papel fundamental para o início da propagação do cristianismo. O grande santuário da deusa Ártemis, uma das sete maravilhas do mundo antigo, fazia de Éfeso uma atração para os peregrinos de todo o mundo greco-romano. De modo que, Éfeso, além de ser um grande centro econômico, foi também um grande centro religioso e turístico.

Conforme Atos 18-20, Paulo esteve pelo menos três vezes em Éfeso. Primeiro foi no final de sua segunda viagem missionária, quando passou brevemente pela cidade e se reuniu com os judeus na sinagoga, prometendo que voltaria um dia: "Virei a ter com vocês de novo quando Deus quiser (At 18,21). E, de fato, Deus assim o quis, Paulo voltou a Éfeso no início de sua terceira viagem, quando permaneceu na cidade por um longo período (At 19,1-10). E, finalmente, no retorno a Jerusalém, reuniu-se brevemente com os anciãos da comunidade, numa despedida emocionante, certo de que não mais haveriam de ver sua face (At 20,17-38).

Em consonância com Atos, Paulo faz menção em várias de suas cartas sobre suas atividades em Éfeso (cf. 1Cor 15,8; 1Tm 1,3; 2Tm 1,18; 4,12). Além disso, temos a carta aos efésios. Ainda que haja sérias dúvidas sobre a autoria paulina desta carta, sendo provavelmente uma carta dêutero-paulina, ela demonstra a grande importância que a comunidade de Éfeso tinha já no primeiro século da era cristã.

Enfim, o que parece seguro afirmar é que Paulo constituiu em Éfeso uma comunidade cristã bastante sólida. A expressiva presença de judeus na diáspora, estabelecidos por Antíoco II no século III AEC (Gürçavdi, 2024, p. 17), provavelmente facilitou o início da pregação de Paulo na cidade.

Além de Atos e das cartas paulinas, temos ainda carta do livro do Apocalipse (Ap 2,1-7), escrita pelo autor que se autodenomina João (1,4.9). Jesus afirma, pela escrita de João, que a comunidade de Éfeso abandonou seu primeiro amor e que ela deve retomar a conduta de outrora, do contrário seu candelabro será removido de posição (Ap 2,4-5). Ou seja, a comunidade de Éfeso, pós-Paulo, era considerada a primeira em importância dentre as comunidades cristãs da Ásia Menor, tanto que é a primeira endereçada na ordem das sete cartas.

Por fim, entendendo que o João das cartas do Apocalipse e o apóstolo João seriam a mesma pessoa, a tradição cristã concluiu que também o apóstolo João e, com ele, Maria, a mãe de Jesus, teriam vivido em Éfeso. Tudo isso fez de Éfeso não apenas um espaço geográfico, mas também uma referência mística para os primeiros séculos do cristianismo.

Portanto, conhecer a história e o contexto de Éfeso é crucial para entender os primórdios do cristianismo na Ásia Menor.

Uma breve história da cidade de Éfeso

A história de Éfeso (*Ἔφεσος*) é muito antiga e não se sabe ao certo como começou. As lendas, que adentram ao segundo milênio AEC, falam da origem de Éfeso em torno do local sagrado dedicado à Grande Mãe do povo anatólio. As escavações arqueológicas indicam que, por volta do século X AEC, povos jônicos ocuparam a região e construíram ali um templo à sua deusa, Ártemis, associada aos atributos da deusa nativa anatólia (Cimok, 2024, p. 31). Pós século X AEC, o desenvolvimento de Éfeso foi progressivo, adentrando ao chamado "período clássico", quando fez parte da liga das doze cidades jônicas. É a época dos grandes filósofos, como Heráclito (535-475), que ali nasceu, da cultura, com grande presença de mulheres artistas. À noite, as ruas eram iluminadas com lamparinas de azeite, para que as pessoas pudessem transitar livremente, reunirem-se, conversar, debater e celebrar (Rogers, 2007, p. 137-145).

Em 546, Éfeso passou para o domínio persa, assim como outras cidades da Ásia Menor (Potts, 2023, p. 417-520), mas, mesmo então, a cidade continuou a progredir, graças, principalmente, à importância do seu porto. Em

334 AEC, Éfeso foi conquistada por Alexandre, o Grande. Por volta de 290 AEC, o sucessor de Alexandre, o general Lisímaco, transferiu a cidade para uma área mais elevada, ao sudeste, a fim de evitar as inundações da planície. Diz-se, também, que outro motivo da mudança foi porque Lisímaco percebera que as águas paradas era uma grande fonte de reprodução do mosquito da malária, causando contínuas enfermidades e mortes na população. Os efésios, porém, recusaram-se a mudar, o que obrigou Lisímaco a bloquear os esgotos da cidade, causando um grande alagamento durante uma tempestade. No novo local, Lisímaco deu um forte impulso à cidade: ampliou-a, melhorou o acesso ao porto, construiu uma nova muralha, de 9 km, e lhe mudou o nome para Arsínoe, em homenagem à sua esposa. Após a morte de Lisímaco, Éfeso recuperou seu antigo nome (Erdemgil, 2004, p. 4-8).

Em 129 AEC, Éfeso foi conquistada pelos romanos. Apesar das rebeliões internas ao domínio estrangeiro, Éfeso atingiu o ápice do seu desenvolvimento neste período. Os romanos perceberam a importância estratégica do seu porto, investiram na cidade, a ponto de Éfeso se tornar uma das cidades mais importantes do império romano, alcançando cerca de 250,000 habitantes. É neste período que surgiram as maiores construções, ainda remanescentes atualmente no sítio arqueológico, como o monumental teatro, com capacidade para cerca de 25.000 pessoas, a biblioteca de Celso, o templo de Adriano, o templo de Tito e a fonte de Trajano.

Em 263 EC, Éfeso foi invadida pelos godos e parcialmente destruída. A partir de então, apesar de reconstruída, a cidade foi perdendo importância, principalmente pelo assoreamento do seu porto, como veremos abaixo. Em 614, Éfeso foi novamente atingida, desta vez por um forte terremoto. E, assim, a outrora grande cidade da luz e da cultura, foi perdendo visibilidade e importância. Hoje, as remanescências de monumentos são as testemunhas solitárias do que já foi uma das maiores cidades do império romano.

O rio Caístro (Küçük Menderes)

O rio Caístro (*Κάϋστρος*) ou Küçük Menderes (em turco) teve um papel determinante para o surgimento e desenvolvimento da cidade de Éfeso. O rio Caístro nasce na serra de Bozdağlar, no sul de Esmirna, cerca 175 km a leste de Éfeso, e serpenteia por entre colinas até chegar ao mar Egeu. Foi às margens dele que a cidade se formou.

Próximo à foz do rio Caístro se encontra o porto de Éfeso. Este porto foi o principal motor para o desenvolvimento da cidade. Dada a sua localização estratégica, o porto formava uma conexão natural entre o comércio que vinha através das vias terrestres do Oriente com as vias marítimas do Ocidente, principalmente com Grécia e Roma. Do centro da cidade, partindo defronte ao anfiteatro, há uma via de mármore de cerca de 500 metros que unia a cidade ao porto. A via é conhecida como a via do porto ou via Arcadiane. Ela ainda está bem conservada, como veremos abaixo. Ou seja, na época, o centro da cidade ficava cerca de 500 metros do porto.

Porém, se o rio foi a causa do surgimento da cidade, também foi a causa do seu declínio. Um minucioso e detalhado estudo geomorfológico do relevo da planície do delta do rio Caístro, com a análise dos sedimentos que ali foram trazidos por milênios pelo rio, demonstrou que nos últimos 6.000 anos o delta do rio avançou em direção ao mar nada menos que 15 km, aproximadamente. O estudo mostra que houve períodos de grandes inundações na região provocadas pelo transborde do rio. Esses fenômenos se intensificaram nos períodos romano e bizantino, tornando a área por vez e outra um completo pântano. Fator este que lentamente levou o porto e, consequentemente a cidade, ao declínio (Kraft, *et al*., 2007, p. 121-149).

Atualmente, o sítio arqueológico da antiga Éfeso fica cerca de 6 km, em linha reta, da costa do mar Egeu. Ou seja, se antes a cidade ficava a meio km do porto, como visto acima, agora ela fica a 6 km. Isso mostra o quanto o assoreamento do rio Caístro afastou a cidade da costa marítima desde o seu auge, no período romano, até hoje. Isto é, se em dois mil anos o mar se afastou da cidade cerca de 5,5 km, não é de estranhar que em seis milênios ele tenha se afastado 15 km.

Principais monumentos remanescentes de Éfeso

Como visto, Éfeso, no seu auge, foi uma das maiores e mais importantes cidades do império romano, chegando a cerca 250 mil habitantes. Uma cidade com dezenas de enormes edifícios, monumentos, praças, ruas etc., construídos em diferentes períodos durante os mil anos de sua existência. De modo que, não é possível, neste espaço, descrever a história e os detalhes de cada um. Destarte, vamos apenas mencionar os principais remanescentes que, todavia, encontram-se no atual sítio arqueológico.[1]

Iremos iniciar nossa rota pelo portão sul, também conhecido como **portão Magnésia**, percurso que, pelo declive, facilita o acesso aos monumentos. Logo na entrada encontra-se uma bonita maquete que ajuda ao viajante a se orientar para localizar os monumentos mais importantes. Após a entrada, logo à direita, encontram-se as **latrinas públicas**, onde a privacidade parecia não ser uma preocupação dos ocupantes.[2] À esquerda, por sua vez, encontra-se uma enorme praça, onde era a **ágora superior ou ágora do estado**. Distinta da ágora comercial, a ágora do estado era o centro político, administrativo e o tribunal de Éfeso. Seguindo-se adiante, desemboca-se na avenida que passa em frente ao **Odeion**, local de apresentações artísticas e que fica à direita da avenida, em direção sul-norte. Menor que o teatro, o Odeion era coberto e tinha uma capacidade para cerca de 1300 a 1400 pessoas. A escadaria era toda coberta de mármore. Atualmente avenida ainda se mantém ladeada do que sobrou das outrora formosas colunas.

Seguindo-se em frente, quase no final da avenida, à esquerda, encontra-se o **templo de Domiciano ou templo de Tito**. Construído no primeiro século da era comum, as primeiras escavações acreditaram ter sido dedicado a Domiciano[3]. Porém, estudos recentes concluíram que o templo foi construído pelo imperador Tito[4] (Gürçavdi, 2024, p. 18). Além das três colunas reconstruídas, em meio à praça, pode-se ver uma estátua de Hermes, Deus dos comerciantes e dos ladrões, e uma estátua da deusa Nike, deusa da vitória. Ao lado tem a imagem de uma serpente, símbolo da medicina, possivelmente porque ali havia uma clínica. Atualmente a universidade austríaca está escavando o local, por isso, o acesso é limitado.

Girando-se 45 graus à direita, acessa-se uma longa avenida, que podemos denominar de avenida do "**templo de Adriano**", templo este que fica à direita, quase no final da avenida. O templo de Adriano foi construído no século II EC e ainda mantém uma bela fachada, que pode ser conferida pelo visitante. Logo na entrada do templo, no alto, tem uma réplica da estátua da Medusa e de Tique, deusa da sorte e da fortuna. As duas divindades eram protetoras da cidade. E em ambos os lados da fachada, também no alto, encontram-se réplicas de belos frisos, onde estão representadas divindades mitológicas, amazonas, animais etc. Os frisos originais, assim como as estátuas da Medusa e de Tique, encontram-se no museu de Éfeso. É importante lembrar que durante o domínio romano, Éfeso ganhou três vezes o prêmio de cidade *Neokoros*, título conferido à cidade que construía um templo ao imperador. Os três monumentos foram: a fonte de Trajano, o templo de Domiciano/Tito e o templo de Adriano (Burrel, 2004, p. 59-85). As cidades de Esmirna e Pérgamo também ostentavam este título (Burrel, 2024, p. 17-54).

A "avenida de Adriano" também conta com remanescentes de belas colunas e construções à direita e à esquerda. Ela é cortada por uma rua, denominada **rua dos Curetes.** Esta era a rua onde residia a alta elite da cidade, cujas casas, em ambos os lados, eram de elevado luxo, em terraço e pisos com mosaico e afrescos. A rua, também pavimentada com mármore, cobria a rede de esgoto da rica área social. De fato, a beleza do calçamento, todo de mármore, impacta ainda hoje ao visitante.

[1] Estima-se que só cerca de 20% a 30% por cento da cidade foi escavado até agora. Ou seja, entre 70% e 80% ainda está por ser escavado.

[2] Diz-se que em períodos de frio, os senhores de escravos punham seus escravos para aquecer os assentos antes de eles ocupá-los.

[3] Possivelmente o imperador a quem se refere do livro do Apocalipse.

[4] O imperador que saqueou Jerusalém.

Logo depois do templo de Domiciano/Tito, na rua dos Curetes, encontra-se **fonte de Trajano**, com dois andares. Ainda é possível ver o pé do que restou da estátua de Trajano, que ficava no meio da fonte, ladeada pelas estátuas de ninfas, divindades femininas da água.

Seguindo-se a "avenida de Adriano", no final, ela gira 45 graus à direita e desemboca na principal avenida da cidade, ladeada de remanescentes belas colunas, com boa parte do piso também coberto de mármore. Do lado esquerdo da avenida há uma enorme praça, com alguma arborização, ali se encontrava a grande **ágora grega** ou o **fórum romano**. Estamos, portanto, no centro da cidade. Ali era o centro comercial, com enormes Stoas[5] que abrigavam as lojas da cidade e onde turistas de boa parte do mundo vinham comprar lembranças, principalmente pequenas imagens da deusa Ártemis. A cercania do templo de Ártemis com o porto, facilitava o fluxo constante de peregrinos e comerciantes.

Quase na esquina da ágora, encontra-se a famosa **biblioteca de Celso**, uma das construções mais famosas de Éfeso e cuja fachada de dois pisos ainda impressiona ao visitante. Construída pelo senador Tibério Júlio Celso Polemeano, no século II EC, a biblioteca de Celso chegou a armazenar 12 mil rolos (Erdemgil, 2004, p. 31-32). Ela era considerada a terceira maior biblioteca do império. A primeira era a biblioteca de Alexandria, que foi queimada, a segunda era a biblioteca de Pérgamo, e a terceira a de Éfeso. Em frente à biblioteca de Celso, do outro lado da rua, havia um Lupanar. Um corredor secreto, pelo subsolo, ligava as duas casas.

Fotografia 1 – A biblioteca de Celso

Fonte: O Autor (2026)

[5] Uma espécie de Shopping Center da antiguidade.

Seguindo-se em frente pela avenida principal, à direita, encontra-se o **teatro romano**, palco de dramaturgia e de lutas de gladiadores. Com uma bela vista, de frente para o mar, e com a capacidade para acomodar 25 mil espectadores, o teatro é o monumento que mais impacta na cidade, dado ao seu tamanho e pelo bom estado de conservação.[6] Todavia hoje em dia artistas famosos fazem concertos ali. Sua capacidade para 25 mil pessoas foi a referência para calcular, aproximadamente, o número total de habitantes da cidade.

Fotografia 2 – O teatro romano, com capacidade para 25 mil pessoas

Fonte: O Autor (2026)

Ainda seguindo a avenida principal algumas dezenas de metros, ou seja, quase em frente ao teatro, dobrando à esquerda, começa a **avenida do porto**. Esta avenida, que outrora conduzia ao porto, como já referido acima, também é ladeada por restos de belas colunas. Quase no final da via portuária, já perto do mar, encontrava-se o **ginásio dos imperadores**, uma enorme área de lazer, com piscinas portuárias (*harbour bath*) etc. E à direita da grande área do ginásio, ao lado do **templo do deus Olímpico**, já quase fora da cidade, encontra-se o que resta da enorme **igreja de Maria**. A primeira igreja foi construída no início do século V sobre as ruínas de uma antiga basílica romana. Acredita-se que ela tenha sido construída especificamente para sediar o Concílio de Éfeso, em 431 EC, quando foi proclamado o dogma de Maria como Mãe de Deus (*Theotokos*),[7] sendo, provavelmente, uma das igrejas mais antigas dedicadas à Maria. Depois, no século VI, a Igreja foi ampliada e se tornou a sede episcopal de Éfeso (Öhler; Fugger, 2016, p. 313–345). Mais adiante voltaremos a este tema.

[6] Os teatros eram sempre construídos na encosta de uma colina, evitando, assim, a necessidade de uma fundação elevada. E, para ganhar acústica, o formato era sempre o de uma ferradura.

[7] É possível, no entanto, que ela tenha sido construída pós-concílio, para celebrar o acontecimento.

Fotografia 3 – A Igreja de Maria *Theotokos*, com a pia batismal ao centro

Fonte: O Autor (2026)

Bem à direita da igreja de Maria, seguindo a moderna via por onde se acessa o portão norte e cruzando a área do estacionamento, já quase fora da cidade, ali há uma enorme área vazia, dentre a vegetação. Este era o local onde se encontrava o **estádio da cidade** e onde eram realizados os jogos olímpicos.

Ainda há outros monumentos ou locais de grande interesse em Éfeso e que convém mencionar, mas que ficam fora do sítio arqueológico da cidade. Um é a chamada gruta de Paulo e o outro é o templo de Ártemis, com o Artemísio. Vejamos!

A gruta de Paulo

Um dos locais de maior interesse da pesquisa moderna em Éfeso é a chamada **gruta de Paulo**, que fica na encosta sul do Monte Bülbüldağ (Montanha do Rouxinol), cerca de 500 metros em linha reta a oeste das ruínas do sítio arqueológico. A gruta foi descoberta em 1906 por Otto Benndorf. Em 1955 ela foi escavada por Fran Miltner, que concluiu que os nichos ali encontrados não eram destinados a sepultamentos, como se supunha inicialmente, mas, sim, ao armazenamento de vasos litúrgicos, lâmpadas a óleo etc. (Pillinger, 2020, p. 62–72). Ou seja, que a gruta não era um local de sepultamento, mas uma espécie de santuário para celebrações e reuniões. Várias pinturas sobrepostas de diferentes períodos foram encontradas no interior da gruta: afrescos de Elias ascendendo ao céu, Abraão e Isaac, Jesus, pessoas diversas, flores, palmeiras etc. Ou seja, durante anos, pinturas (afrescos) foram acrescentadas e outras apagadas. O afresco mais importante, que se acredita retroceder até o século V ou IV EC, retrata Paulo, sentado segurando um livro aberto, e a lado Teóclia

(Teocleia), a mãe de Tecla, a seguidora de Paulo[8]. Ao lado, ainda, há outra pintura onde se encontra Tecla inclinada sobre uma janela ouvindo o ensinamento de Paulo. À direita da pintura de Tecla tem uma inscrição corrompida: "... ὑπὲρ εὐχῆς... τοῦ οἴκου αὐτοῦ..." (Pillinger, 2005, p. 58), que pode ser traduzida por: "...pela oração... de sua casa..." ou "... em voto... de sua casa...".

Infelizmente, a gruta se encontra fechada para visitas e só é possível o acesso por meio de uma autorização do museu de Éfeso.

O Templo de Ártemis

Atos 19,23-40 narra um interessante episódio ocorrido em Éfeso acerca da deusa Ártemis, de quem Paulo teria dito, não ser deusa. A afirmação de Paulo provocou uma grande agitação da população na cidade, para defender que: "Grande é Ártemis de Éfeso... e a cidade é guardiã do templo da grande Ártemis e de sua estátua caída do céu". Ou seja, no tempo de Paulo, a deusa Ártemis, com o seu santuário, o Artemísio, era a grande divindade de Éfeso, e o orgulho da cidade. Qualquer posicionamento contrário podia causar um grande alvoroço na cidade.

Localizado a cerca de dois quilômetros, em linha reta, da antiga Éfeso e às margens da moderna cidade de Selçuk, o templo de Ártemis era uma das sete maravilhas do mundo. O poeta grego, Antípatro de Sídon, ao descrever as sete maravilhas afirma: "Quando vi a casa de Ártemis, que subia às nuvens, as outras seis maravilhas perderam seu brilho e eu disse: 'Eis que, além do Olimpo, o sol nunca olhou tão alto'" (Jesus, 2017, p. 56).

É possível que no princípio, o local do santuário fosse onde se encontram hoje os remanescentes do sítio arqueológico da antiga Éfeso. Somente, por volta de meados do século VII AEC, o templo terá sido construído fora da cidade, pelos cretenses Quersifrão e seu filho. A arqueologia, no entanto, encontrou sinais de ocupação no local do Artemísio, provavelmente pelos povos micênicos, desde o século IX AEC (Kraft, *et al.,* 2001, p. 123). Em 356 AEC, o templo foi incendiado por um cidadão grego chamado Heróstrato, segundo consta, com o intuito de buscar fama para imortalizar seu nome. E, pelo visto, alcançou seu objetivo, pois de daí se formou a expressão "fama herostrática" (Erdemgil, 2004, p. 44).

Após o incêndio, o templo foi novamente reconstruído e ampliado. Diz-se que Alexandre o Grande ofereceu ajuda para a reconstrução, que foi recusada pelos cidadãos efésios, que não queriam que um estrangeiro contribuísse para o que era o orgulho da cidade (Erdemgil, 2004, p. 44). Uma vez reconstruído, com o esforço próprio dos efésios, o novo templo ficou maior que o anterior. As dimensões variam, conforme as fontes, entre 115 e 138 metros de comprimento, por 55 e 72 metros de largura. O novo templo continha agora 127 colunas de mármore, de 18 metros de altura, distribuídas em 8 fileiras. Boa parte das colunas era decorada por esculturas em relevo, conforme se pode apreciar alguns remanescentes no museu britânico (Yilmaz, p. 218-119).

Com a chegada dos romanos e a expansão de sua influência, Ártemis também passou a ser referenciada como Diana, cujos atributos divinos eram equivalentes. A partir de então, o templo de Ártemis de Éfeso passou também a ser denominado de "templo de Diana" (Rogers, 2012, p. 259-292; Fugger, 2022, p. 274-300).

Em 269 EC o templo foi destruído com a invasão dos godos. Depois disso, a história de sua reconstrução é incerta. No período bizantino, muitas das colunas de mármore do outrora majestoso templo foram usadas para a construção de templos cristãos e mesquitas, como a basílica de Santa Sofia em Constantinopla, atual Istambul, e a basílica de São João em Selçuk.

Em meados do século XIX de nossa era, iniciou-se uma busca por parte dos arqueólogos pelo local do templo. Em 1869,[9] depois de seis anos de busca, o local foi encontrado pelo britânico, engenheiro e arquiteto, John T. Wood, e sua equipe, que escavaram o local de 1863 a1874. Em 1895, depois de 21 anos, outra equipe,

[8] Do livro apócrifo "Atos de Paulo e Tecla".

[9] Esta data é contestada, como tendo sido modificada pelo próprio Wood. A data verdadeira seria 1871 (Zambrana, 2019, p. 160).

esta liderada por Otto Benndorf, do Instituto Arqueológico Austríaco, retomou as escavações no Artemísio. Benndorf, porém, só escavou por dois meses, dedicando-se, posteriormente à escavação da cidade de Éfeso.

Em meados de 1904 a meados de 1905, novamente o museu britânico, com David G. Hogarth e Arthur E. Henderson, retomou as escavações por um breve período, concentrando a escavação não no entorno, mas no templo de Ártemis, cujos achados também podem ser conferidos na conhecida "sala de Éfeso" do museu londrino. Uma estátua de mármore de Ártemis de Éfeso se encontra no museu do Vaticano e outra no museu arqueológico de Atenas (Yilmaz, 2021, p. 247;259). Em 1965 a 1994, o Instituto Arqueológico Austríaco, dedicou períodos intercalados de escavações, com a atenção concentrada às áreas sagradas, altares, bustos de divindades etc. (Zabrana, 2019, p. 166).

Recentes escavações, entre 2009 e 2011, concentraram seu interesse no enorme edifício romano, inicialmente identificado como tribunal. As conclusões finais foram de que o edifício era um Odeion, com capacidade para mil pessoas, em assentos distribuídos em catorze fileiras (Zabrana, 2019, p. 166). Sendo, portanto, o Odeion, um dos últimos edifícios identificados. Depois desta data, não mais há havido escavações no Artemísio. Hoje só resta uma coluna solitária no local, que foi reconstruída por pedaços encontrados pelos arqueólogos, para sinalizar onde fora o lugar do outrora grande templo da Grande Ártemis de Éfeso.

Fotografia 4 – Local onde estava o templo de Ártemis, hoje com uma única coluna reconstruída

Fonte: O Autor (2026)

O Artemísio e seu entorno

A procura pelo lendário templo sempre foi o grande interesse dos arqueólogos que escavaram em Éfeso. Uma vez encontrado por Wood, a atenção se voltou exclusivamente a ele, e pouco se perguntou sobre o seu entorno. Ou seja, por que este fabuloso templo existia solitário, longe da cidade onde se encontra o atual sítio arqueológico?

Após o meticuloso estudo feito sobre a história do assoreamento do rio Caístro, visto acima, concluiu-se que a razão da sua construção num local afastado do sítio arqueológico foi para a segurança do templo, evitando ser destruído pelas contínuas evasões do rio. Porém, a imagem de um templo solitário precisa ser corrigida (Zabrana, 2019, p. 158-170). Após um meticuloso reexame dos documentos originais escritos por Wood e guardados no museu britânico, veio à luz, com maior precisão, todo o complexo do entorno do famoso templo (Zabrana, 2019, p. 16-162). Ou seja, o templo de Ártemis era multifuncional, principalmente durante o período do domínio romano. Neste tempo, o Artemísio possuía administração e jurisdição próprias, independente de Éfeso. O complexo incluía moradias para os sacerdotes, oficinas, escolas, um ginásio para competições, um Odeion para as apresentações artísticas, além de outros diversos edifícios, como o Agusteum, um templo de culto ao imperador romano. Também foram encontrados vários fragmentos de esculturas de divindades romanas, bem como inscrições romanas etc. Os sacerdotes que administravam o templo, tinham terras, gado, produção agrícola etc. No seu auge, o templo funcionava também como uma espécie de banco para o depósito de bens de valor, ofertas votivas etc. Também eram realizados ali os jogos artemísia, em homenagem à deusa, nos meses de março/abril, de quatro em quatro anos. Portanto, um santuário bastante similar, por exemplo, ao santuário do Deus Apolo de Delfos (cf. Kaefer, 2024, p. 167-186) ou até mesmo aos grandes santuários egípcios (Kaefer, 2018, p. 121-140).

De Ártemis a Maria

Vimos acima que o terceiro concílio ecumênico da Igreja aconteceu em Éfeso, em 431. O concílio foi convocado pelo imperador romano Teodósio II e estabeleceu o dogma *Theotokos* (Maria, mãe de Deus)[10]. Na oportunidade o nestorianismo foi condenado, assim como seu patriarca, Nestório de Constantinopla, que foi declarado herege. A pergunta é: por que Éfeso foi escolhido como local para o concílio que iria tratar da natureza da maternidade de Maria?

Éfeso e os primórdios do cristianismo

Ainda que os achados arqueológicos da presença cristã em Éfeso nos três primeiros séculos sejam bastante pobres (Talloen, 2022, p. 544), as fontes bíblicas atestam que, como uma das maiores e mais importantes cidades comerciais do império romano, Éfeso foi também um grande e importante centro para a difusão do cristianismo. Conforme já visto acima, segundo Atos 19-20, Paulo passou um longo período na cidade e formou ali uma bem-sucedida comunidade de seguidores e seguidoras de Jesus. A tradição cristã dos primeiros séculos difundiu a pregação de que o apóstolo João continuou o trabalho iniciado por Paulo e que ele teria vivido em Éfeso até os últimos dias de sua vida (Meiser, 2016, p. 368–377). Essa difusão se fundamentou na afirmação dos padres da Igreja de que João, o apóstolo, seria a mesma pessoa que João, o evangelista, autor do quarto evangelho e das três epístolas, assim como o discípulo amado do quarto evangelho e o João, preso na ilha de Patmos (Ap 1,9). De modo que os primórdios do cristianismo ligaram Éfeso muito ao apóstolo João. Tanto que no século VI EC, o imperador Justiniano I e sua esposa Teodora construíram uma

[10] Tese defendida pelo patriarca Cirilo de Alexandria. Com isso se reafirmou o concílio de Niceia (325) e se estabeleceu a união da natureza humana e divina de Jesus.

basílica, em formato de cruz, dedicada a João no local onde se acredita que o apóstolo tenha sido enterrado, ou seja, junto à moderna Selçuk, nas encostas da colina de Ayasuluk.

Uma vez que se acreditava que o discípulo amado do quarto evangelho e o apóstolo João seriam a mesma pessoa[11] e, como o discípulo amado recebeu, aos pés da cruz, a missão de cuidar da mãe de Jesus (Jo 19,25-27), ele teria levado Maria consigo a Éfeso. Portanto, Maria teria passado os últimos anos de sua vida morando em Éfeso.[12] Foi com esta compreensão que os cristãos da Ásia Menor, particularmente de Éfeso, desenvolveram sua fé. De maneira que, no decorrer dos séculos, um dos grandes interesses dos cristãos que visitavam as antigas instalações de Éfeso era conhecer o local onde Maria morou. Tanto que, a partir de 1891 se identifica como casa de Maria um pequeno santuário de pedra localizado junto ao monte Koressos, cerca de 3 km do sítio arqueológico de Éfeso. A identificação do local foi baseada nas visões da irmã agostiniana Ana Catarina Emmerich (1774–1824). Visitado pelo papa João Paulo II, a casa simples de pedra em meio à montanha e bosques é hoje um bem movimentado local de peregrinação.

Vimos acima a grande importância da deusa Ártemis, não só em Éfeso e Ásia Menor, mas em todo mundo greco-romano. Não é possível desenvolver aqui as festas, rituais, peregrinações etc. em homenagem a Ártemis que aconteciam em Éfeso (cf. Muss, 2016, p. 293–312). É seguro afirmar que, antes do desenvolvimento do cristianismo, o eixo sobre o qual girava a religião em Éfeso era a deusa Ártemis e, por extensão, o Artemísio. De modo que não foi difícil para os gregos convertidos ao cristianismo associarem Maria a Àrtemis. O amplo culto às divindades femininas no mundo grego (Schiavo, 2025, p. 88-102) propiciou o desenvolvimento da veneração a Maria nos primórdios do cristianismo. Dito de outra forma, Maria preencheu o vazio da ausência feminina sentida pelos gregos na religião cristã em seus primórdios. Entendemos que, de certa forma, assim como Diana, a deusa romana da caça e dos animais, foi sendo associada à Ártemis, também Maria foi absorvendo os atributos de Ártemis, ou melhor, as pessoas foram associando à Maria os atributos de Ártemis. Um desses atributos foi o título de "Grande Mãe", conferido a Ártemis. Isto é, não foi difícil para a população greco-romana de Éfeso e arredores fazer a transição da adoração à Deusa Ártemis para a veneração a Maria como *Theotokos* (Mãe de Deus). Podemos ainda pensar no atributo "virgem e mãe". A virgindade não era propriamente um atributo de Ártemis, mas de Diana, que foi associada a Ártemis (Martini, 2018, p. 77-80). Isto é, no mundo greco-romano, Ártemis e Diana foram "fundidas" numa divindade só, de forma que não foi difícil para os novos cristãos verem em Maria as propriedades de virgem e mãe de Deus.

Assim, Ártemis, com o Artemísio, uma das sete maravilhas do mundo antigo, e Maria, com a Basílica Maria *Theotokos*, estarão profundamente conectadas. Simbolicamente, o culto a Ártemis foi transferido para veneração a Maria. E o concílio, parece-nos, sacramentou esta conexão. A utilização das colunas do templo de Ártemis/Diana na construção da basílica de São João (527-565) será uma testemunha material deste vínculo.

Conclusão

Conforme a literatura bíblica, Éfeso foi um centro de referência para o desenvolvimento do cristianismo na Ásia a Menor nos primeiros séculos da nossa era. A evangelização na cidade começou com Paulo e seus colaboradores e, posteriormente, segundo a tradição, com o apóstolo João. A origem da cidade é difusa. Os primeiros sinais de ocupação apontam para um santuário dedicado à Grande Mãe do povo anatólio, que posteriormente foi apropriado pelo povo jônico, que construiu ali o primeiro templo à sua deusa Ártemis.

[11] Entre os pais da Igreja, o primeiro afirmar, final do século II EC, de que o discípulo amado, bem como o autor do quarto evangelho, seja o apóstolo João, filho de Zebedeu, foi Irineu de Lyon. Embora essa hipótese seja muito questionada atualmente, podendo o discípulo amado ser uma referência à própria comunidade do quarto evangelho.

[12] Outra tradição diz que Maria passou os últimos dias de sua vida morando em Jerusalém, no local da atual igreja da dormição, perto do portão de Sião, do lado externo das muralhas da antiga cidade.

A localização estratégica, no delta do rio Caístro, com uma geografia portuária propícia, fez com que Éfeso se desenvolvesse rapidamente, chegando a ser uma das mais importantes cidades do império greco-romano. No seu auge, o número de habitantes da cidade chegou, aproximadamente, a 250 mil. Foi durante este período que os maiores monumentos foram construídos, como os templos aos imperadores, as stoas, os grandes teatros, a biblioteca, o ginásio, as casas de luxo, as avenidas com calçamento de mármore, ladeadas por centenas de belas colunas etc.

Se por um lado, o fator geográfico portuário, unindo as vias terrestres do Oriente às vias marítimas do Ocidente, foi o motor econômico do desenvolvimento de Éfeso, por outro, o templo de Ártemis foi fator de aglutinação dos efésios em torno da mesma crença. A Grande Ártemis, com sua estátua caída do céu, era o orgulho da cidade. Porém, quando o cristianismo foi se expandindo na cidade, a crença na deusa Ártemis foi perdendo espaço. O fator que corroborou para esta mudança foi a difusão da tradição cristã de que, além de Paulo, também o apóstolo João e Maria, a mãe de Jesus, viveram os últimos anos de sua vida em Éfeso. Isso fez da cidade um crescente local de peregrinação e referência para os primórdios do cristianismo. De tal modo que Éfeso foi escolhida para a realização do terceiro concílio ecumênico da Igreja (431), quando foi instituído o dogma *Theotokos* (Maria, mãe de Deus). Possivelmente, todo o histórico do culto à Ártemis e do Artemísio em Éfeso influenciou nesta escolha.

Referências

BURREL, Barbara. *Neokoroi Greek Cities and Roman Emperors*. Leiden/Boston: Brill, p. 17-54.59-85, 2004.

CIMOL, Fatih. *Guide to the seven Churches*. Stambul: Duru Basim, 2024.

ENGELMANN, Helmut. Inschriften und Heiligtum. *In*: *Der Kosmos der Ártemis von Ephesos*. Ulrike Muss (org.), vol. 37, p. 33-44. Viena: Österreichisches archaologisches institute sonderschriften, 2001.

ERDEMGIL, Selahattin. *Éfeso*. Istambul: Duru Basim, 2004.

FUGGER, Verena. Das Artemision von Ephesos im Spannungsfeld sakraltopografischer Transformationsprozesse in spätantiker und frühbyzantinischer Zeit . In: Stefan Alkier (org.). *Konstellationen antiker Tempelwirtschaft*. Paderborn: Brill Schöningh, p. 274-300, 2022.

GÜRÇAVDI, Isa Levent. *The Handbook of Seven Churches*. Ankara: Özyurt Matbaacilik Insaat Taah, 2024.

JESUS, Carlos A. Martins de (trad.) *Antologia grega*. *Epigramas Vários*. Coimbra: Universidade de Coimbra Press, 2017.

KAEFER, José Ademar. As cartas de Tell El-Amarna e o contexto egípcio nos reinados de Amenhotep III e Amenhotep IV (Akenaton). *Estudos de Religião*. São Bernardo do Campo: UMESP, v. 32, n. 1, p. 121-140, 2018.

KAEFER. José Ademar. Atos 16,16-18 e a Pitonisa de Delfos: arqueologia, história e religião. *Revista de cultura teológica*. São Paulo: PUCSP, v. 107, p. 167-186, 2024.

KRAFT, John C.; BRÜCKNER, Helmut; KAYAN, Ilhan; ENGELMANN, Helmut. The Geographies of Ancient Ephesus and the Ártemision in Anatolia. *Geoarchaeology: An International Journal*, v. 22, n. 1, p. 121-149, 2007.

KRAFT, John C.; KAYAN, Ihan; BRÜCKNER, Helmut. The Geological and Paleogeographical Environs of the Artemision. In: Ülrike Muss (org.). *Der Kosmos der Artemis von Ephesos*. Wien: Österreichisches archaologisches Institut, 2001.

MARTINI, Fátima Regina Sans. Virgem Ártemis: protetora e implacável. *R. Inter. Interdisc. Art&Sensorium*. Curitiba: UNIPAR, v. 5, n. 2, p. 73-92, 2018.

MEISER, Martin. The City of Ephesus in Early Christian Literature. Schröter, Jens (*et al.*). *Early Christianity.* Tübingen: Mohr Siebeck, v. 7, p. 368-377, 2016.

MUSS, Ulrike. The Artemision in Early Christian Times. *In*: Schröter, Jens (*et al.*). *Early Christianity*. Tübingen: Mohr Siebeck, v. 7, p. 293-312, 2016.

ÖHLER, Markus; FUGGER, Verena. Häusliche Religion in Ephesos: Christliche und nicht christliche Befunde vom 1. bis zum 6. Jahrhundert n.Chr. *In*: Schröter, Jens (*et al.*). *Early Christianity*. Tübingen: Mohr Siebeck, v. 7, p. 313-345, 2016.

PILLINGER, Renate Johanna. Thekla in the Cave of St. Paul at Ephesus. *In*: Schowalter, Daniel (*et al.*). *Religion in Ephesus reconsidered – Archaeology of Spaces, Structures and Objects*. Leiden/Boston: Brill, p. 62-72, 2020.

POTTS, Daniel T. *The Persian Empire under the Achaemenid Dynasty. From Darius I to Darius III*. *In*: Karen Radner, Nadine Moeller, and D. T. The Oxford History of the Ancient Near East. Vol. V: The Age of Persia. New York: Oxford University Press, p. 417-520, 2023.

ROGERS, Guy Maclean. From the Greek Polis to the Greco-Roman Polis - Augustus and the Artemision of Ephesos. *In*: H. Elton and G. Reger (org.). *Regionalism in Hellenistic and Roman Asia Minor: Acts of the Conference Hartford, Connecticut (USA), 22-24/08/1997*. Paris: Ausonius, p. 137-145, 2007.

ROGERS, Guy Maclean. *The Mysteries of Artemis of Ephesos. Cult, Polis, and Change in the Graeco-Roman World*. New Haven/London: Yale University Press, 2012.

SCHIAVO, Luigi. Conflictos en El Evangelio de Juan. Tiempo de generar algo novedoso. *RIBLA*. Vitória: Faculdade Unida, v. 95, p. 88-102, 2025.

SELAHATTIN. *Éfeso*. Istanbul: Duru Basim, 2004.

TALLOEN, Peter. Religion in Ephesos Reconsidered? *Journal of Roman Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, v. 35 p. 539-552, 2022.

YILMAZ, Yasar. *Tears of Anatolia – Our historical artifacts that were taken abroad*. Istanbul: Anadolu Kültürel Girisimcilik, p. 218-119.259.247, 2021.

ZABRANA, Lilli. The Ártemision in the Roman Era: New Results of Research within the Sanctuary of Ártemis. *In*: Daniel Schowalter (*et al*. org.). *Religion in Ephesos Reconsidered - Archaeology of Spaces, Structures, and Objects*. Leiden: Brill, p. 158-170, 2019.

Editor Responsável: Waldir Souza

Recebido/Received: 08.06.2026 / 06.08.2026 / **Aprovado/Approved:** 07.07.2026 / 07.07.2026